

O CORPO EXPEDICIONÁRIO PORTUGUÊS, EM FRANÇA, ENTRA EM SECTOR

O transporte do Corpo Expedicionário Português (CEP) para França foi concretizado, por fases, entre 30 de Janeiro e 20 de Novembro de 1917. Nos termos de uma Convenção Militar assinada entre os governos de Londres e de Lisboa, a Grã-Bretanha dispusera sete navios para esse fim, a que se juntaram dois navios portugueses – o *Gil Eanes* e o *Pedro Nunes*. Os embarques eram efectuados em Lisboa e o destino, em França, era o porto de Brest. Daí, as unidades do CEP iam seguindo, por via-férrea, para a Flandres, para a zona de concentração de Aire-sur-la-Lys e Saint-Omer, deslocação essa que demorava dois dias. Considerando que o CEP ia integrar-se no dispositivo da Força Expedicionária Britânica (FEB) e o traçado da Linha de Contacto (LC), a posição geográfica do sector que viria a ser atribuído às tropas portuguesas era no extremo norte da parte situada em território francês, já muito próximo do ponto onde a LC cruzava a fronteira franco-belga.



Os primeiros contingentes do CEP a chegar a França, em pleno Inverno, tiveram de enfrentar temperaturas negativas a que não estavam habituados. Ao findar o mês de Fevereiro, já estavam presentes na zona de concentração 9 batalhões de infantaria e 1 bateria de artilharia. Com o passar das semanas, o efectivo presente foi aumentando.

Apesar da sua designação de ‘Corpo’, o CEP estruturava-se segundo o modelo de uma Divisão de Infantaria, de acordo com a doutrina organizativa, de inspiração francesa, que vinha sendo adoptada desde o final do século XIX. Já depois de algumas unidades da divisão portuguesa estarem em território francês, o chefe da missão militar britânica junto do Quartel-General do Corpo avançou com uma proposta de reorganização do CEP, mediante a qual seria possível transformar a divisão num corpo de exército a duas divisões. Bastava, para tal, mobilizar mais seis batalhões de infantaria, eliminar o escalão ‘regimento’ e manter o escalão ‘brigada’, do qual dependeriam os batalhões. Com estas alterações, as divisões portuguesas ficariam com uma organização idêntica às divisões britânicas.

O general Tamagnini de Abreu e Silva, comandante do CEP, acolheu favoravelmente a sugestão britânica e apresentou-a ao Ministério da Guerra português, que a aceitou. Seria necessário, contudo, rever o programa de transporte e reforçar o equipamento, designadamente

no tocante à artilharia pesada, o que obrigaria o ministro Norton de Matos a uma deslocação a Londres para tentar acertar todos os pormenores decorrentes da modificação. A solução final contemplaria as duas divisões, mas, embora tendo-se constituído um Corpo de Artilharia Pesada, este não viria a actuar na dependência do CEP, sendo integrado em unidades britânicas. No final de Setembro, os efectivos das duas divisões do CEP estavam já presentes em França. Cada divisão era composta por 3 brigadas de infantaria e cada brigada por 4 batalhões de infantaria e uma bateria de morteiros ligeiros de 7,5. A artilharia foi, também, reorganizada de acordo com o novo tipo de ordem de batalha. Assim, foram formados seis Grupos de Baterias de Artilharia (GBA), tendo cada Grupo três baterias de peças de 7,5 cm e uma de obuses 11,4 cm.



General Tamagnini (à esquerda), comandante do CEP, juntamente com os generais Richard Haking (cmdt do XI Corpo da FEB) e Gomes da Costa (cmdt da 1.ª Divisão do CEP)

Coube à 1.ª Divisão, comandada pelo general Gomes da Costa¹, a primazia da instalação numa zona avançada, já próxima da frente de combate. Esse movimento ocorreu a partir de 2 de Abril de 1917, ficando a tirocinar junto da 49.ª Divisão da FEB. Em 7 de Maio, a primeira unidade do CEP, de escalão companhia, ocupa posição na linha de combate. No final de Maio, a 1.ª Divisão guarnece já os sectores de Ferme du Bois e Neuve Chapelle, sofrendo o primeiro ataque, no primeiro daqueles sectores, na noite de 3/4 de Junho. Neste mês, ocorrerem vários ataques alemães aos dois sectores portugueses. Só a 3 de Julho é que o comando da 1.ª Divisão assume a responsabilidade de todo o sector divisionário, o qual, além de Ferme du

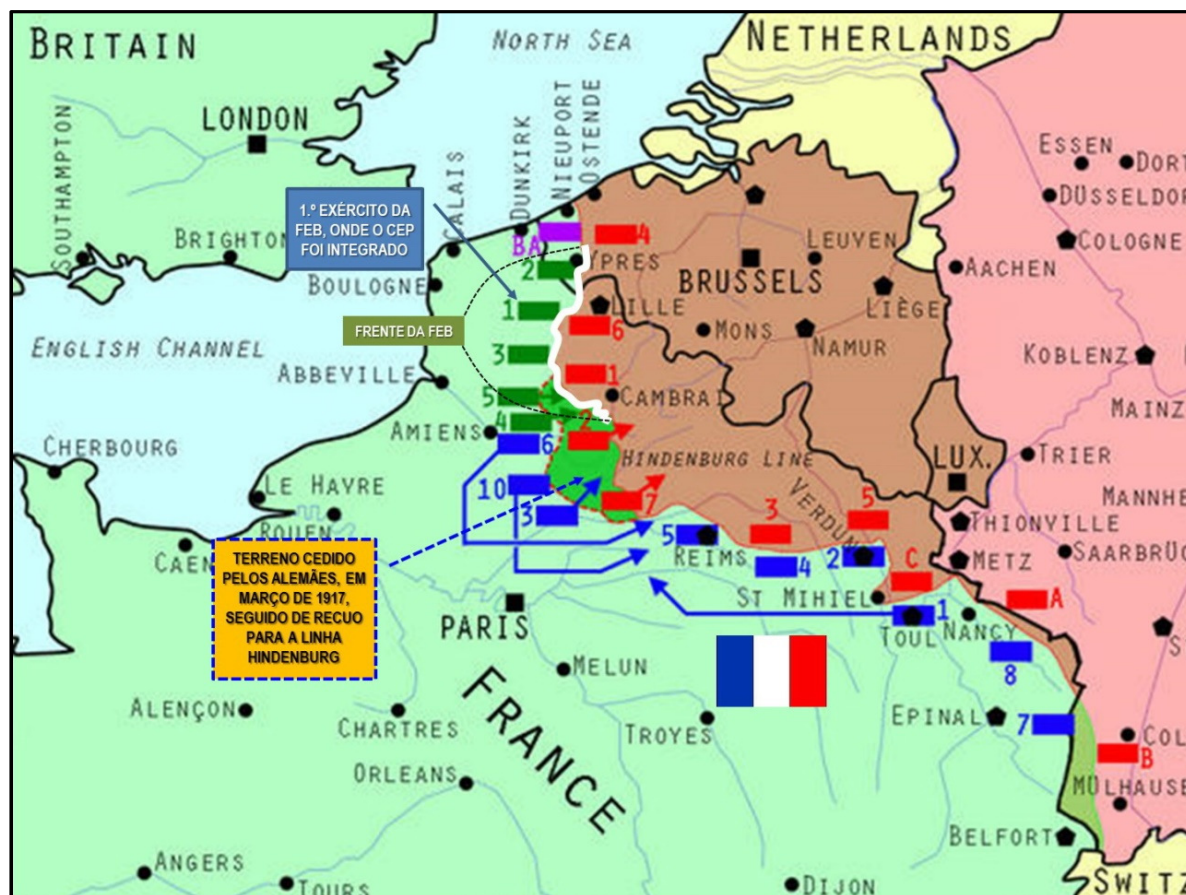
¹ Gomes da Costa era coronel, mas fora graduado em general para comandar a 1.ª Divisão. Esta medida diz alguma coisa sobre a qualidade dos generais disponíveis.

Bois e Neuve Chapelle, incluiria, ainda, Fauquissart. Nesta fase, a subordinação de 1.ª Divisão é feita ao XI Corpo/1.º Exército da FEB, comandado pelo general Richard Haking.

As brigadas da 1.ª Divisão dispunham-se, em cada um dos 3 sectores, segundo duas linhas. Deste modo, o dispositivo inicial dos Batalhões de Infantaria (BI) tinha a seguinte composição:

SECTOR	1.ª LINHA	2.ª LINHA
Ferme du Bois	BI 28	BI 34 (apoio)
	BI 21	BI 32 (apoio)
Neuve Chapelle	BI 23	BI 7 (apoio)
	BI 35	BI 24 (reserva)
Fauquissart	BI 12	
	BI 14	BI 9 (apoio)

No cenário operacional que o CEP vai encontrar à sua chegada a França, importa ter em atenção o facto de, nesses meses de 1917, a prioridade do exército alemão se ter deslocado para a Frente Oriental, onde as dificuldades do exército russo, decorrentes da revolução de Fevereiro, antecipavam uma vitória germânica a curto prazo. Quase em simultâneo, o comando aliado aproveitava o ensejo para lançar duas ofensivas: uma, em Junho, de objectivo limitado, sobre Messines, e outra, de grande envergadura, em território belga (3.ª batalha de Ypres/Passchendaele), que teria o seu início em 31 de Julho. Essas ofensivas, desencadeadas a alguma distância do sector português, conjugadas com a postura expectante do exército alemão, explicam a relativa baixa intensidade das acções que envolveriam o CEP durante todo o ano de 1917.

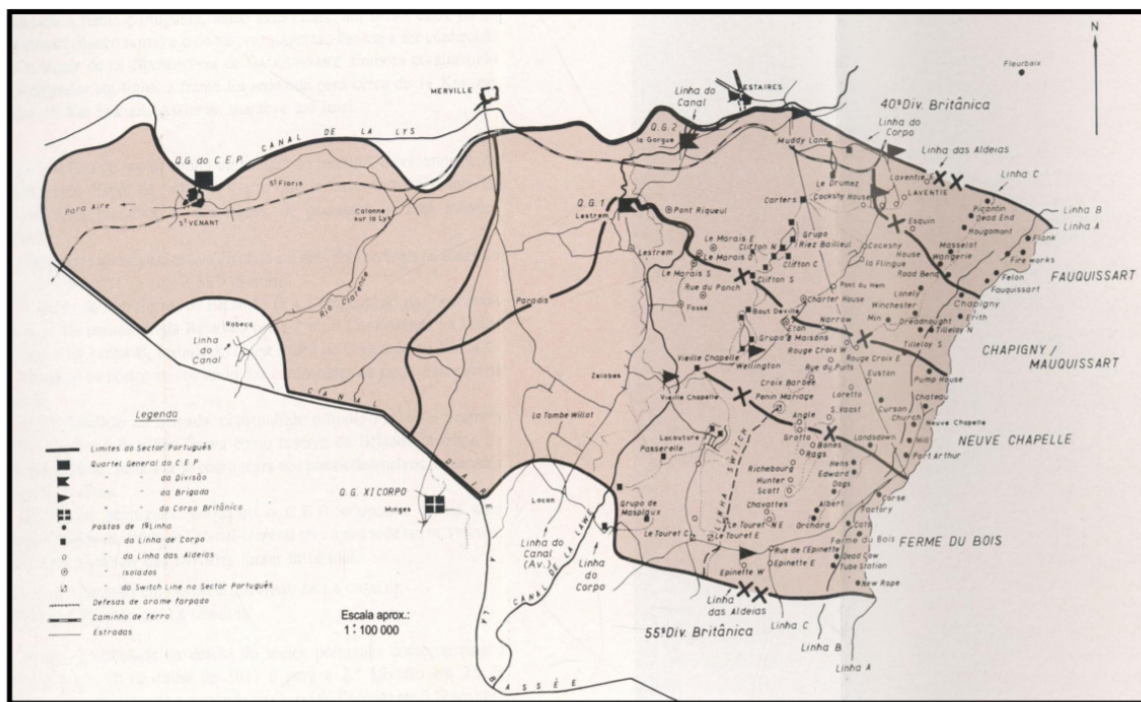


Dispositivo da Frente Ocidental, em Março de 1917

Ainda assim, no período que vai desde a entrada em posição da 1.ª Divisão até à completa integração da 2.ª Divisão, comandada pelo general Simas Machado, em 5 de Novembro, as tropas do CEP viram-se envolvidas em diversos combates, resultantes de ataques de ambas as partes, raides e patrulhas na *terra de ninguém*, de que resultaram, para as tropas portuguesas, 352 mortos em combate. A estes se podem acrescentar, no mesmo período, mais 45 por acidente, 63 por doença e 9 vítimas de gaseamento. Ao todo, registavam-se 469 baixas mortais.

A partir de 5 de Novembro, já com a 2.ª Divisão integrada, o CEP assume a sua condição de Corpo de Exército, deixando de depender do XI Corpo britânico e passando a subordinar-se directamente ao 1.º Exército da FEB, comandado pelo general Horne. A 26 de Novembro, a frente do CEP começa a registar as primeiras rendições internas, com a 2.ª Divisão a substituir unidades da 1.ª no sector de Fauquissart.

Concluído o reajustamento, a frente do CEP definia-se segundo quatro sectores de brigada, dois por cada uma das divisões, ao longo de cerca de 12 km. De norte para sul, Fauquissart e Chapigny ficavam atribuídos à 2.ª Divisão e Neuve Chapelle e Ferme du Bois à 1.ª Divisão.



Fonte: História do Exército Português (1910 - 1945), Volume III, dir. EME, p.93.

Embora o cumprimento da entrada em posição do CEP pudesse parecer um momento de orgulho para Portugal, as carências de toda a ordem que já então se verificavam não podiam deixar de preocupar os seus principais responsáveis. O general Gomes da Costa haveria de recordar como, logo desde os primeiros meses de estada em França, era grave a situação dos efectivos do CEP:

Desde Julho de 1917 que eu vinha reclamando do CEP contra a falta de efectivos e, sobretudo, de graduados, frisando a impossibilidade absoluta de garantir a defesa, e

insistindo em que as minhas considerações não tinham outro fim senão declinar a responsabilidade de qualquer futuro acontecimento menos feliz, para mim certo.²

O aproximar do final do ano vai trazer diversas perspectivas de mudança: chega o Inverno, com temperaturas baixíssimas, para as quais os soldados portugueses não estavam convenientemente preparados, por falta de hábito e por causa do deficiente fardamento; começa a sentir-se o efeito da suspensão dos transportes marítimos britânicos, afectando a logística e os repletamentos de pessoal; e, por fim, chegam notícias de Lisboa que anunciam a viragem política decorrente do golpe militar liderado por Sidónio Pais.

Na época, foi fácil ligar o derrube do governo do Partido Democrático às tremendas dificuldades que se iam sentindo nas fileiras do CEP. Todavia, importa sublinhar que, como vimos, a suspensão dos transportes marítimos em navios britânicos já se notava antes do golpe de Sidónio. Haverá muitas pequenas causas que contribuiriam para a vulnerabilização do CEP, mas a principal era, seguramente, a falta dos transportes marítimos para França.

E, da parte britânica, havia uma forte razão para tal: com a entrada dos EUA na guerra, em Abril de 1917, a prioridade máxima da sua marinha ficara a ser o transporte para França da Força Expedicionária Americana.

David Martelo – Agosto de 2017

² COSTA, Gomes da, *A Grande Batalha do CEP – A Batalha do Lys*, p. 65.